

# O Rosto visível do Deus invisível



Testemunho de Catalina

## **IMPRIMATUR**

Li atentamente o livro “O Rosto visível do Deus invisível”, Testemunho de Catalina. Pela presente certifico não ter encontrado na sua leitura nada contrário às Sagradas Escrituras nem à doutrina e ensinamentos da Igreja. Pelo contrário, o seu conteúdo ajuda-nos a compreender melhor a mensagem evangélica, e estimula-nos a pô-la em prática. Por isso, dou com gosto o Imprimatur para que este livro seja publicado, pois fará muito bem aos que o lerem.

São Vicente, 25 de Março, festa da Anunciação da Santíssima Virgem, do ano de 2005

Mons. José Oscar BarahonaC.  
Bispo de São Vicente  
El Salvador, C.A.

**T**

## **Dedicatória**

**A:**

**Sua Santidade, João Paulo II**

Com admiração pelo seu inquebrantável espírito evangelizador e seu amor à Eucaristia e à Santíssima Virgem

**P. Lic. Renzo Sessolo Chies SDB**

Pelo seu exemplo de trabalho, sacrifício e oração neste Apostolado

**Pbro. David Francisco del Santo Amor**

Com quem partilhei momentos maravilhosos de alimento espiritual e a quem desejo no dia da sua ordenação um amor incondicional a Jesus Cristo.

**Dr Ricardo Castanhón Gómez**

Cuja transformação espiritual é um exemplo para os laicos

**P. Teófilo Rodriguez**

Pela sua valentia, sua lealdade e sua alegria de viver em Deus

**Catalina**

Missionária laica do  
Coração Eucarístico de Jesus

**T**

“No coração de todo o homem existe um vazio  
com a figura de Deus, que não pode ser preenchido  
com nenhuma coisa criada mas apenas pelo próprio Deus,  
o Criador, revelado em Jesus Cristo”.

**Blas Pascal (Físico e filósofo francês)**

# O ROSTO VISÍVEL DO DEUS INVISÍVEL

Testemunho de Catalina

*Senhor, que unicamente me guie o amor através deste Hino de doçura  
Que Tu cantas à alma do pecador.*

T

## Prólogo

Este pequeno livro fala-nos da importância de viver conscientemente o nosso cristianismo e de aprofundar a nossa conversão... Convida-nos a redescobrir o compromisso que, como baptizados, adquirimos, para que assim possamos assumi-lo com a correspondente seriedade.

No preciso dia em que se terminaram de escrever as páginas que a seguir apresentamos, o Santo Padre dirigiu-se aos fiéis reunidos na Praça de São Pedro com as seguintes palavras:

*“1. Celebramos hoje a festa do Baptismo de Jesus, acontecimento que os evangelistas consideram como o início do seu ministério messiânico. A missão de Cristo, deste modo inaugurada, cumprir-se-á no mistério pascal, em que com a sua morte e ressurreição tirará o pecado do mundo (Cf. João 1, 29).*

*2. A missão do cristão também começa com o Baptismo. O redescobrimto do Baptismo, através de oportunos itinerários de catequese na idade adulta, é portanto um aspecto relevante da nova evangelização. Renovar de maneira mais madura a própria adesão à fé é condição para uma participação autêntica e plena na celebração eucarística, que constitui o cume da vida eclesial.*

*3. Que Maria Santíssima ajude todos os que com o Baptismo renasceram «pela água e pelo Espírito» a fazer da sua vida uma constante oblação a Deus no exercício diário do mandamento do amor, exercendo assim o sacerdócio comum que é próprio de todo o batizado.” (João Paulo II, Intervenção durante o Ângelus na festa do Baptismo de Jesus. Cidade do Vaticano, domingo 9 de Janeiro de 2005).*

Muito pouco mais poderíamos dizer na apresentação desta obra, cujo único propósito é o de convidar o leitor a realizar uma profunda reflexão – ou melhor uma série de reflexões – sobre o caminho de conversão que todos nós estamos obrigados e instados a percorrer.

Seria legítimo perguntarmo-nos, especialmente se não se está a viver uma vida cristã activa, que devemos compreender quando falamos da nossa “conversão”...

O Cardeal Joseph Ratzinger, Perfeito da Congregação da Doutrina da Fé, no-lo apresenta deste modo:

*“O conteúdo fundamental do Antigo Testamento está resumido na mensagem de João Batista: ‘metanoiete’, Converti-vos!*

*Não há acesso a Jesus sem o Baptista, não há possibilidade de alcançar Jesus sem dar resposta ao apelo do precursor [...]*

*...A palavra grega usada para ‘converter-se’ significa ‘voltar a pensar’: por em discussão o próprio e comum modo de viver, deixar entrar Deus nos critérios da própria vida, não mais julgar simplesmente segundo as opiniões correntes.*

*Converter-se significa, portanto, não viver como todos vivem, não fazer como todos fazem, não se sentir justificado em ações duvidosas, ambíguas ou malvadas, pelo simples facto de que outros fazem o mesmo...*

*Começar a ver a própria vida com os olhos de Deus; procurar, portanto, o bem, mesmo quando for incómodo; não o fazer a pensar no juízo da maioria dos homens, mas sim no juízo de Deus... Por outras palavras: procurar um novo estilo de vida, uma vida nova.”* (Card. Joseph Ratzinger, conferência sobre a Nova Evangelização. Roma, 30 de junho de 2001).

Esperamos em Deus que as páginas seguintes motivem o leitor a procurar essa “vida nova”, pois assim como nos anteriores livros de Catalina esta mensagem é, antes de mais, um apelo à conversão da própria vida para Jesus Cristo.

Como sempre será o leitor que, em última instância, decidirá que proveito que vai tirar de cada uma das palavras que se seguem, as quais umas vezes são emitidas e outras inspiradas pela própria Fonte do Amor...

A esse Amor pedimos que estes escritos deem todo o fruto para o qual saem hoje à luz.

**Apostolado da Nova Evangelização**

## CAPÍTULO I – NAS MARGENS DO JORDÃO

Um dia alguém perguntou a Jesus que devia fazer para ganhar uma recompensa eterna. O Senhor respondeu-lhe que quem pensava que quem pensava que devia praticar a religião apenas à procura de uma recompensa para a eternidade estava equivocado relativamente a Deus.

Seguramente este homem acreditava que Deus é como um banqueiro, que só olha para os números... Evidentemente ignorava por completo que, para Ele, a única lei válida é o amor.

Quem ama de verdade sempre se considerará devedor, e a última coisa em que irá pensar é que recompensem o seu amor. Por isso Jesus nos ensinou que quando dermos uma esmola o façamos procurando que a nossa mão esquerda não saiba o que faz a direita, porque receber uma esmola é quase sempre uma humilhação, que unicamente o amor com que se dá é capaz de aliviar. Quer dizer que a única esmola que não magoa é a daquele que se identifica plenamente com o necessitado e partilha com ele o pouco ou muito que tem, porque desta maneira não existe vaidade no que dá, nem humilhação no que recebe.

Penso que Jesus nos fala a todos com este exemplo e ensinamento. Não unicamente no que se refere à esmola material, mas também à “esmola” que mais vale, que é a partilha do nosso conhecimento de Deus com os demais.

Dizem que o Evangelho golpeia, e tem que ser assim, porque é a Palavra lançada por Deus ao mundo, e porque Jesus possuía uma profunda visão da realidade; de facto ainda neste tempo, essa Palavra confere a Sua própria validade ao passado, para o integrar no hoje, ao mesmo tempo que abre uma grande porta de esperança para o amanhã.

Nem sempre o Evangelho é totalmente claro para os homens, antes se parece com um pequeno cristal, que à semelhança de um caleidoscópio, ao ser observado em momentos diferentes, faz que cada um dos seus ângulos emita uma luz diferente.

Um dia, enquanto estava em oração, o Senhor falou ao meu coração. Disse-me que aproveitasse ao máximo este tempo de Graça que está a conceder à humanidade, que hoje põe a culpa em Deus por todo o mal que sucede na terra, sem perceber que é o próprio pecado do homem, que brinca a ser Deus, que está a destruir este mundo.

Como noutras ocasiões, Jesus foi-me mostrando imagens com muitos detalhes, cenas da Sua vida, ensinando-me com uma enorme paciência, instruindo-me e animando-me para que não tivesse medo de testemunhar os Seus ensinamentos perante os homens.

Vi Jesus a caminhar, para um lugar onde havia muita gente. Estava indo para se fazer batizar por aquele Profeta enérgico que falava um idioma novo, e advertia, gritava, amenizava a voz e depois mostrava-se novamente irado.

Era João a batizar as pessoas, chamando-as à conversão. Jesus não tinha nada de que se arrepender, mas quis participar deste acto, por meio do qual o povo lavava os seus pecados. Estão disse-me: **“Quando senti que o Meu tempo tinha chegado, depois de muitas horas em oração, na comovente e sempre nova União Hipostática, de que**

**falaremos mais à frente, decidi partir da Galileia para ser batizado por João no Rio Jordão.”**

O Senhor foi-se lentamente aproximando do Jordão, escutando a voz de João que dizia às multidões que, de todos os lados, vinham junto dele para que as batizasse: *«Raça de víboras, como podeis pensar que escapareis do castigo que se aproxima? Produzi os frutos de uma sincera conversão, pois não é altura para dizer: “Nós somos filhos de Abraão”. Eu vos garanto que até destas pedras Deus pode tirar filhos de Abraão. O machado já está posto na raiz da árvore, e toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.»* As pessoas perguntavam-lhe: *«Que devemos fazer?»* e ele respondia-lhes: *«Aquele que tiver duas capas, dê uma ao que não tem nenhuma, e o que tiver de comer, faça o mesmo.»* Vieram também cobradores de impostos para que João os batizasse. Disseram-lhe: *«Mestre, que temos que fazer?»* e João respondeu: *«Não cobreis mais que o estabelecido.»* Por sua vez, alguns soldados perguntavam-lhe: *«E nós, que devemos fazer?»* e João respondeu-lhes: *«Não abuseis das pessoas, não façais falsas denúncias e contentai-vos com o vosso soldo.»* (Lc 3, 7-14).

Jesus tinha-se sentado debaixo de uma árvore, na parte alta do caminho que descia para o rio, para contemplar a cena e escutar João. Sentiu uma profunda ternura por aquele que, pobrementemente vestido, sacudia as consciências dos homens.

Pensou nos Israelitas vagueando pelo deserto em busca da Terra Prometida. Eles tinham uma nuvem que, como um véu protetor, os cobria e protegia. Todos os que passaram o Mar com Moisés foram “batizados” na nuvem e no mar, que os protegeu para se libertarem dos soldados do Faraó.

O Batismo que João lhes administrava era uma espécie de veste ou manto protetor. Um banho divino que transformava a veste manchada pelo pecado, quando aqueles homens se arrependiam e se deixavam mergulhar nas águas do Jordão.

Deus revelou a João como devia iniciar o batismo na água e quem o faria no Espírito Santo. O Céu se abriria e o Reino de Deus se aproximaria daqueles que se batizassem.

Jesus disse-me: **“Vou instruir-te um pouco: O batismo é parte do processo de salvação e é um ato de Fé, é uma maneira de mostrar publicamente que crês em Deus e na Sua Palavra e que estás disposto a abandonar a vida de pecado e aceder ao perdão através do arrependimento. Lembra-te: ‘o que crer e for batizado, será salvo; mas o que não crer, será condenado.’** (Mc 16, 16)

**Nessa época, aqueles que se consideravam justos e que mais sabiam de Deus foram os que desobedeceram a este mandato e não foram batizados, portanto tão pouco se arrependeram: “Mas os fariseus e os intérpretes da lei desprezaram os desígnios de Deus a respeito de si mesmos, não sendo batizados por João.”** (Lc 7:30). Assim, o batismo é, ao mesmo tempo, uma forma de morrer e de ressuscitar.”

Eu escutava-o absorta, explicou-me as coisas como a uma criança, com paciência e doçura, durante muitas horas.

Jesus levantou-se novamente e começou a caminhar no meio dos que iam ter com João para serem batizados.

Nesse momento João escutou uma voz interior, como se saísse do seu peito, do seu coração que está a bater fortemente: **“Estou a chegar, João, já estou perto...”**

João sente uma doçura imensa que o envolve, uma energia que conhece, mas que ao mesmo tempo desconhece em toda a sua magnitude. Sabe que está a chegar e anuncia-o...

*«Eu vos batizo na água, e é este o caminho da conversão. Mas depois de mim vem um com muito mais poder que eu – eu nem sequer mereço levar-lhe as sandálias - ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo. Já tem a pá nas suas mãos para separar o trigo da palha. Guardará o trigo nos seus celeiros, e queimará a palha no fogo que não se apaga.» (Mt 3, 11-12).*

Nesse momento João diz que vai chegar um com mais poder, reconhece publicamente que é mais que ele, sabe que Aquele que vem será capaz de infundir segurança nos Seus seguidores, posto que é alguém que responde às esperanças de uma humanidade que deseja um mundo melhor. Só pode batizar com o poder do Espírito Santo Aquele que está cheio Dele e será Esse mesmo Espírito que guiará Jesus através da Sua missão.

Finalmente vai poder vê-lo, finalmente a sua missão vai ser coroada. Mas, como será? Poderá reconhecê-lo...? Levanta os olhos para o céu, o sol deslumbra-o por um momento, mas em seguida volta a esconder-se por entre as densas nuvens. Será um presságio do que vai suceder? Não sabe, está confuso, mas uma força, uma energia sobre-humana o envolve. Tinha vontade de cantar, de gritar, de sacudir toda aquela gente. Gostaria de lhes poder dizer tudo o que está a sentir e... novamente ouve: **“Chegou a hora, João, prepara o teu espírito!”**

Depois de batizar um homem quase ancião, sente como que uma corrente de energia que o sacode. Olha para a frente e vê Jesus, seu parente... O assombro reflete-se no seu rosto, mas o olhar de Jesus disse-lhe tudo.

*“Todo o povo se estava a batizar. Jesus, já batizado, encontrava-se em oração. O céu abriu-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corporal como uma pomba e veio uma voz do céu: «Tu és meu Filho; eu hoje te gerei.» (Lc 3, 21-22).*

Jesus disse-me: **“Nesse momento ficou aberto o limite entre o mundo divino e o mundo humano; o precipício que havia entreo homem e Meu Pai , criado pelo pecado do homem, ficava suprimido por aquela ponte de amor e de obediência. Eu vinha cumprir a Vontade Suprema de salvar o homem.**

**Era Deus e homem, perante os olhos do mundo, pecador e inocente. Mas aquilo que é divino não deve ser admitido em detrimento do que é humano, nem o que é humano deve ser destacado em detrimento do que é divino. O anterior é João, a sua mensagem, a sua urgência; o presente em Mim, que era a Palavra, era o próprio Deus saindo ao encontro do homem, para o conduzir até ao caminho da salvação... Consequentemente, Deus compraz-se no Filho amado, isto é, o único com Quem desde toda a eternidade se unia na complacência.**

**Meu Pai não podia ter-se comprazido em nenhum outro homem, visto que todos nasceram com o pecado original e para Meu Pai o pecado é abominável. Mas Eu**

**nasci por obra do Espírito Santo, não gerado no pecado e, portanto, puro desde a Minha concepção e isso fazia que o Pai encontrasse em Mim a Sua complacência. Com isso admitia também a Minha verdadeira missão: o mistério da cruz.**

**Nesse momento Eu aceitava a Minha missão e João submeteu-se a Mim, e deste modo se abriu ao Meu plano, aceitando-o e submetendo-se a ele.”**

T

Na Vigília da Epifania, a Liturgia do Rito Oriental diz: “Hoje o Senhor inclina a cabeça diante da mão do precursor; hoje João batiza-o nas profundas águas do Jordão. Hoje o Senhor cobre com a água as culpas dos homens; hoje é testemunhado do alto como amado Filho de Deus; hoje o Senhor santifica a natureza da água”. O Pai tinha por fim unido esses dois gigantes da fé, esses dois parentes: Jesus, mais alto e forte que João, parecia muito mais jovem e, ao mesmo tempo, mais delicado, tranquilo e muito varonil, de profundo e claro olhar, parecia um príncipe disfarçado no meio do povo, vestido como qualquer dos homens que ali estava.

Ali estavam os dois, Ele e aquele tosco e delgado homem, vestido com peles de camelo e um cinto de couro, próprio dos ascetas e dos que estavam de luto, que agora batizava e que um dia fora cuidado no ventre de sua mãe pela Santíssima Virgem Maria, a Mãe do Salvador, o Qual tinha agora na sua frente...

Quão simples pareciam aqueles dois homens! E eram nada mais nada menos que o nosso Redentor e o Seu precursor, de quem Ele mesmo disse que era o maior entre os homens nascidos de mulher... Nós homens, quando iremos compreender que as coisas de Deus vão para lá das aparências externas...?

João tinha sido cuidado pela Virgem Maria; sim, porque “a serpente” teria feito tudo o que fosse possível por destruir aquele que seria o “precursor da Palavra”, do “Verbo de Deus Encarnado”.

Apesar do tempo em que se vivia, quando a mulher era considerada muito pouco mais que um animal, numa sociedade totalmente machista, Maria, tinha deixado o Seu Lar, a José... Poderíamos inclusivamente pensar que talvez, dada a sua gravidez, teria negligenciado a sua saúde; tudo para cuidar da Sua prima... Porquê?

Porque sabia que esse menino, gerado por obra e Graça do Senhor, tal como o Seu Filho, era um milagre, visto que “Para Deus nada é impossível” e que devia cuidar dele, Ela própria, a que era especialmente protegida pelo Altíssimo e que tinha sido coberta pelo Seu Poder, como por um manto, a única pessoa a que o maligno não podia causar dano e a quem não podia opor resistência, pela sua excelsa pureza.

Diz um cântico de Isaías: “*Sobre ele pus o meu Espírito...*” (Is 42,1). Por este batismo do Espírito, o batismo de água de João ganha um novo significado e passa a converter-se em símbolo do batismo do Espírito para cada um dos futuros crentes.

Após o batismo, João referindo-se a Jesus disse: “*E eu não o conhecia; mas vim batizar na água para que ele seja manifestado a Israel. E João deu testemunho dizendo: ‘vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e pousava sobre ele. E eu não o conhecia mas aquele que me enviou a batizar com água, disse-me: ‘Aquele*

*sobre o qual vires descer o Espírito e permanecer nele, esse é o que batiza com o Espírito Santo.’ E eu vi e dou testemunho de que esse é o eleito de Deus”. (Jo 1,31-34)*

Claro que João já conhecia Jesus pessoalmente, e sabia da Sua vida, mas ignorava a Sua dignidade de Filho do Altíssimo.

O Senhor explica-me: **“Foi uma surpresa para João, porque Me conhecia como seu parente, mas não sabia que seria Eu aquele a quem Ele anunciava. Por isso disse”E eu não o conhecia...”**

Perante esta visão Jesus explicou-me que João se opôs a batizá-lo instando-o antes a que Jesus o batizasse a ele, porque Jesus estava livre de todo o pecado, mas Ele não aceitou porque era necessário que assim fosse, para que esse povo tivesse um testemunho e uma sequência do que depois viria, para cumprir uma Vontade a que Jesus e João deveriam submeter-se. Jesus mergulhou nas águas do rio Jordão, não para se purificar a si mesmo, mas com o fim de preparar a nossa regeneração.

**“O Meu olhar foi de agradecimento. Disse-lhe que era preciso que assim fosse porque era o primeiro passo da “Boa Nova”, transmitida por quem tinha recebido a unção do Espírito de Deus diante dos homens. Era preciso mostrar fé diante dos humanos para que a minha pregação fosse recebida com confiança, dada a cultura do povo. Os Meus discípulos dariam testemunho de tudo o que viram, de tudo o que ouviram, a partir do Meu Batismo.**

Muitos dos primeiros cristãos se perguntariam depois porque Me batizei se não era pecador como todos os homens, se não tinha nascido com o pecado original, e até fizeram grandes discussões teológicas a respeito disso. Não analisaram no entanto que batizar-me significava deixar-me mergulhar na condição humana, representada pela água. Aceitava a minha condição humana com os sofrimentos e a morte. Batizar-me antes de anunciar o Reino era precisamente afirmar que estava capacitado para anunciar um Reino que somente pode instaurar-se na lealdade do homem a Deus.

O Meu batismo representava o Meu total compromisso pelo bem da humanidade, a instauração de uma nova relação humana que fosse baseada na justiça, para formar uma sociedade diferente. Estava consciente da oposição que a Minha obra teria nos círculos de poder, mas não podia manifestar a Minha inconformidade e não podia suportar a injustiça, e o amor à humanidade Me levaria mais tarde à morte no desempenho da Minha missão.

Da mesma maneira hoje vos lembro que proclamar a Boa Nova exige, muitas vezes, ignorar as palavras doces e diplomáticas que, em algumas ocasiões, costumam fomentar poses e discursos enganosos, devido a interesses económicos, sectários e políticos.

Ao serdes batizados, vós fostes mergulhados em Mim, incorporados a Mim, tomados por Mim, imersos em Mim e, deste modo, Comigo e em Mim, entrastes na mesma relação com Deus Pai: sois filhos de Deus. As Sagradas Escrituras dizem-

*vos: 'De modo que se alguém está em Cristo, é uma nova criatura; as coisas velhas passaram; aqui todas foram feitas novas.'* (2 Cor 5,17).

**Isso torna claro para vós que fostes transformados pelo poder de Deus, que, cheio de Misericórdia e Amor, quer ter-vos no Seu Reino como Seus filhos.**

**Hoje, tudo isto que molda a Luz, o Caminho, a Verdade e a Vida, a Porta, o Pão da Vida: a Minha Palavra, deve ser alimento e força para passar pelo duro caminho que vos cabe percorrer na vossa passagem pela terra.**

**Não vim propor um modelo para “imitar”, mas sim mostrar-vos a realidade do Reino de Deus, que exige de vós, seres humanos, uma conversão radical.**

**Ao longo dos anos, a humanidade conviveu, em todas as instituições, com o abominável que significa o pecado “contra o Espírito”. Existiram e existem demasiados casos em que os homens, tendo uma espiritualidade indefinida, fugidia, tentam dissimular o seu pecado de compromisso com os poderosos, e assim, não estão a cumprir a sua missão profética.”**

O Senhor explicou-me que, no ambiente daquele tempo, ser o “filho de uma pessoa” não era unicamente ter nascido dessa pessoa, mas além disso comportar-se como essa pessoa. Então, o “Filho de Deus” sentia o mesmo Amor de Deus pelo homem, possuía o Espírito de Deus e comportava-se como Deus, já que era o Rosto visível Daquele Deus que era invisível para a humanidade.

Imediatamente, a minha lembrança voltou a uma cerimónia de batismo, em que participei há pouco mais de cinco anos. Uma pessoa que conheci, e a quem cheguei a apreciar muito, pediu-me que a representasse, juntamente com Jesus (Chucho) Solórzano no batismo da filhinha de Manuel Capetillo. Considerei isso uma verdadeira honra, primeiro pelo significado de um batismo e depois porque, tanto os padrinhos tutelares, Emílio e Mónica Burillo, como Chucho e Manuel, eram nossos amigos.

A cerimónia foi levada a cabo numa pequena capela próxima de Toluca, México, durante uma Missa em que concelebrou o nosso Diretor Geral com outro sacerdote.

Nesse dia, quando nos aproximamos com essa preciosa menina nos braços para que recebesse o Sacramento do Batismo, uma luz muito forte, dourada, entrou por uma janela circular que estava em frente a nós. Os sacerdotes, de costas para essa janela, foram banhados por aquela luz, a ponto de me impedir de distinguir os seus rostos.

Soube que vinha do Senhor, porque parecia que mais ninguém dava conta disso e pensei também que podia ser porque um dos nomes da pequena era precisamente Luz. Aquela cascata dourada cobria os sacerdotes, a menina e graciosamente, como em grandes ondas, ressaltava de nós: os padrinhos e os pais, para um jovem que estava numa segunda ou terceira fila, de joelhos, com as mãos juntas e os olhos fechados, em profunda oração.

Isto sucedeu durante o tempo em que se realizava o rito central do batismo e depois tudo voltou à normalidade.

Várias vezes, e mesmo quando já tinha terminado a celebração e felicitámos os pais da menina, espantou-me ver que aquele jovem continuava na mesma postura, parecia como esculpido em pedra, vivendo verdadeiramente um encontro com o Céu.

Então Jesus disse-me algo parecido com isto: **“A Luz do Espírito Santo cobre de um modo mais sublime aqueles que participam deste ditoso Sacramento. Por isso, tanto os pais como os padrinhos, e todos os que assistem a este tão importante evento na vida de um cristão – já que nele se expulsa, se lava todo o pecado por herança para mergulhar nas águas da Graça – deve ser vivido com uma consciência absoluta, com um conhecimento do seu significado e das consequências do Sacramento na vida futura do batizado.**

**Os nomes que escolhem para o pequeno ou a pequena também são muito importantes, porque é nesse momento que se tornam presentes, durante o batismo, os seus Santos patronos, e se comprometem a velar pela criatura que se batiza. Por isso deveis tomá-los sempre em conta, porque são os vossos Santos Patronos que, tal como Minha Mãe, intercederão por vós quando pedis a sua ajuda.”**

Há dois dias, quando me recordei deste episódio, o Senhor acrescentou: **“Compreendes agora porque te disse no Batismo da tua neta que lhe pusesses, durante a cerimónia, todos os nomes que quisesses? Lembrem-se sempre que se se batiza como cristão, deveis escolher nomes cristãos, e não unicamente os que vos surgem porque vos recordam uma pessoa simpática ou qualquer coisa mundana.”**

\*

Depois de receber o Espírito no Batismo Jesus começa a realizar milagres. Ungido de Espírito e Poder, inaugura a Nova Criação, lançando a Sua semente, antecipando a verdadeira liberdade a que a humanidade inteira é chamada a viver.

**“Tudo deve fazer-se não de acordo com o vosso tempo, mas no tempo de Deus. Lembrai-vos disto quando sentis desânimo porque as coisas não saem como vós esperáveis, ou no momento em que esperáveis, quando decidis ou projetais as vossas saídas e as vossas entradas, o vosso presente e o vosso futuro... Tudo está imerso no tempo do Céu!**

**Por isso retomamos este trabalho neste dia, que não é outra coisa que uma nova tentativa de sacudir o homem da letargia e da indiferença espiritual em que vive, na rapidez desta hora de sobrecarga para toda a humanidade, de desesperança para homens e mulheres de todas as nações... E tudo isto pela sua negação a Deus!**

**Quero que o homem tenha um verdadeiro encontro Comigo, que faça a experiência de Deus. Há tantos que dizem conhecer-me e ainda não procuraram a experiência de sentir a Minha Presença na sua vida...! Tibios, acomodados, como aqueles outros, do Meu tempo, e de todos os tempos...!**

**Vou explicar-vos o que sucede quando uma alma sentiu o primeiro apelo, quando escutou a primeira voz... Geralmente, o primeiro sentimento é de desconforto. Há algo no interior do homem que perturba, algo que incomoda e de que é necessário livrar-se... ou calá-lo.**

**Então começa a ficar atordoado, a procurar ainda mais o ruído exterior, a vida mundana, o que era confortável... e diz a si mesmo que assim está bem. No entanto, no fundo, todos os dias se sente pior. Sabe que é mentira tudo o que está a armar para construir uma verdade que não existe. Põe máscaras em tudo para se convencer de que tudo está bem e que está a fazer o que realmente quer.**

**Mas na verdade tem o coração tão pobre, que a inconformidade faz parte da sua existência. Lede o que se passou com Saúl e David, para compreender a sequência do pecado. (1 Sam capítulos de 18 a 26).**

**Por isso é que Eu disse um dia: “Bem-aventurados os puros de coração, porque quem é puro de coração não mente a si mesmo. Do mesmo modo poderia dizer: ‘infeliz daquele que tem o coração manchado, porque só verá o mal.’**

**Vejam as pessoas que estão ligadas aos vícios, elas mesmas se sentem mal. Afirmam não poder libertar-se deles e na realidade não querem. Deste modo a sua inconformidade cresce e vai-os prendendo. Ao não poderem esforçar-se, maltratam-se a si mesmos, veem que são observados e questionados pelos outros, e se se lhes diz alguma coisa, reagem violentamente, procurando vingar-se com uma palavra forte ou com uma agressão... Da mesma maneira é o pecado: prende, aprisiona. O homem prende-se a ele, aprisiona-se e cada vez vai caindo mais fundo.**

**Quando o homem reage e vê o eu pecado, quando se confessa, é como Lázaro que volta À vida. Quando se arrepende ... é como David, que se ajoelhou perante o Profeta Nathan e se arrependeu. (2 Sam,12). Foi então que compôs as orações que fazem parte do Salmo 50, foi aí, nesse momento que se romperam as suas correntes e ficou livre diante de Deus.”**

Nessa circunstância damos-nos conta de que não nos resta outra coisa que tomar ou retomar o caminho do Evangelho. É esse o segredo! É o caminho que Deus nos propõe para nos levar à verdadeira liberdade, porque unicamente podemos experimentar a verdadeira liberdade quando nos sentimos “filhos de Deus”.

A descida do Espírito sobre Jesus significa que Nele culmina a criação, que o compromisso que fez, pelo qual participa da vida e da força de Deus, o eleva até à plena condição humana, a do Homem – Filho de Deus.

Porque será que o Santo Padre, João Paulo II, nos chama tanto a este caminho da nova evangelização? O que é que o Papa nos quer dizer com isto? Quer impulsionar-nos a viver, nós mesmos, e depois a chamar o homem a uma segunda conversão, a um encontro com Cristo definitivo e verdadeiro. E agora o Senhor lembra-nos que não podemos continuar a ser medíocres espirituais.

Há muitas pessoas que no domingo vão À Santa Missa e até comungam, e entre elas outras tantas que além disso rezam o Santo Terço... Mas também leem o seu horóscopo em jornais diários ou revistas, também a adivinhos para lhes lerem as cartas, ou consultam espíritas, ou praticam Yoga, ou creem nas “novas maravilhas” que a “nova era” promete...

Há outros tantos que depois da Eucaristia vão a festas, e apanham bebedeiras tremendas... Estão a santificar o Dia do Senhor? Este é o tipo de pessoas que são católicas porque quando eram crianças lhes disseram que o eram, talvez as tivessem posto num colégio católico, onde receberam o Sacramento da confissão e a primeira Comunhão, e possivelmente o Sacramento da Confirmação. Mas jamais aprofundaram a fé que dizem professar.

Um dia Jesus disse-me o seguinte:

**“No meu tempo tinha dois tipos de seguidores. Uns eram os Meus Apóstolos, que Me conheciam, Me amavam e Me seguiam. Os outros eram os que se contentavam em ouvir falar de Mim, em ir a alguma pregação Minha, em ser testemunhas de algum milagre...”**

**Hoje sucede o mesmo e até entre os Meus eleitos: Não têm muito que dizer de Mim, porque não Me conhecem. Creem conhecer-me e seguir-me, mas apesar disso e de serem muito boas pessoas, ainda não se encontraram com o verdadeiro Amor. Sim, tiveram uma primeira conversão, por isso estão em grupos da Igreja ou inclusivamente estiveram no seminário... Mas há tantos que se ficaram por aí, que não procuraram esse segundo encontro Comigo na Cruz, no Tabor, na agonia, nas minhas pregações, nos Meus milagres...! Há pessoas que estão em seitas, noutras religiões e que dizem que fui um grande profeta. Os que praticam a religião na qual Me criei dizem que sou o homem enganador, a grande fraude que enganou os homens. Outros que dizem “amar Meu Pai” e não aceitam que Eu Sou o Filho de Deus... ignorando totalmente a essência da Trindade.**

**Mas também há cristãos que se confessam, que vão à Missa, e que tentam introduzir-me na cidade ao estilo de um caudilho, como um “Che Guevara”, como o líder cujos olhos estão a chispar de arrogância. Também há aqueles que dizem: Jesus disse tal coisa, ou Jesus fez isto, mas não fazem o que Eu digo...**

**Foi por isso que perguntei aos Meus discípulos: ‘E vós, quem dizeis que Eu Sou...’ (Lc 9,18).”**

Nesse momento o Senhor mostrou-me quando, estão sentado a comer com os Seus Apóstolos próximo da cidade de Cesareia de Filipe, lhes perguntou de repente, no meio da conversa acerca do que se dizia dele na povoação... *“E vós, quem dizeis que Eu Sou...”* (Lc 9,20). Fez-se silêncio, deixaram de comer. Jesus olha para eles todos com um olhar que parece uma mistura de ternura, com um sorriso e alguma picardia. Certamente Ele sabia o que ia acontecer, mas o momento era muito importante...

A respeito disso o Senhor disse-me:

**“O momento era importante porque um homem ia ser sacudido pelo Espírito Santo. Eu tinha vindo a ensiná-los, falando com eles durante muitas horas, orando com eles, deixando que fossem testemunhas de tantos milagres e sinais. Queria ver se eles tinham compreendido a mensagem, o ensinamento que lhes queria transmitir.**

Alguns pensaram por uma fração de segundo: ‘se lhe digo isto, vai-me responder aquilo...’ ou ‘será que devo dizer-lhe isto?... Na realidade a Minha pergunta desconcertou-os apanhou-os desprevenidos...

Mas então o Espírito Santo revelou-se através de Pedro e disse: ‘Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.’ (Mt 16,16).

Tanto o testemunho de Pedro como a Minha posterior resposta, deixaram atónitos os outros Apóstolos. Para eles, Eu ainda era o Messias que Deus tinha enviado para libertar Israel do jugo dos romanos e fundar o Seu novo Reino na terra. Nem sequer Pedro chegou a compreender a magnitude do que significou a revelação de Meu Pai, por isso lhes pedi que não o comentassem com ninguém até que chegasse a hora da Minha glorificação.

Ainda hoje pergunto aos homens: ‘E vós, quem dizeis que Eu Sou?’... Quem sou para cada homem que se diz ‘cristão praticante’ ou pessoa ‘convertida’...?’

E é verdade, queridos irmãos, ainda hoje Jesus te pergunta e me pergunta: *“E tu, quem dizes que Eu Sou? ”Ou seja, “que lugar ocupo na tua vida, por quem Me tens na tua vida de cada dia?”*

Sabem uma coisa? A Jesus não importa se sabemos ou não quem foi Simon Bolívar, ou Benito Juaréz, ou Jean Paul Sartre, ou qualquer outro personagem famoso, nem sequer os Doutores da nossa Igreja (de quem ao menos deveríamos ter ouvido dizer o nome); o que disse Ernesto Sábato ou Lenine... A Jesus importa a nossa resposta pessoal perante estas grandes perguntas: Quem Sou Eu para ti? Que significado para ti?

Assim como quando Jesus foi levado ante Pilatos e este lhe perguntou: **“Tu és o Rei dos judeus?”** Jesus lhe respondeu: **“Essa pergunta vem de ti ou repetes o que outros te disseram de mim?”** (Jo 18, 33-34), da mesma maneira, quando nós lhe dizemos: “Tu és o Senhor, Tu és Deus, Tu és o Filho de Deus”, Jesus pergunta-nos: “és tu que o dizes, ou é porque o ouviste dizer?

É porque o teu coração Me reconhece ou porque o ouviste na Igreja ou na tua família, ou no teu apostolado, entre os teus amigos, etc? É um produto do que te dizem ou é o que tens no teu coração...?”

Lembremos que um dia Jesus disse: **“Em verdade, em verdade e digo que a menos que alguém nasça da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus”** (João 3:5).

Que significa aqui “nascer de novo”? Nascer de novo não é unicamente abandonar a vida pecadora e começar uma vida nova, depois de crer em Jesus, como pensa a maioria das pessoas... embora tão pouco a maioria o faça.

Não há dúvida que tudo isto é bom, mas não é tudo o que nos quer transmitir. Mergulhar na água, ou “falar em línguas” não é nascer de novo e já estar salvo, como o manifestam alguns grupos de outras religiões ou seitas.

“Nascer de novo” significa que devemos arrepender-nos dos nossos pecados, crer no Batismo do Senhor e no poder do Sangue de Jesus, derramado na Cruz, para receber o Seu perdão nos nossos corações e começar a trilhar o caminho dos justos.

Este não é um caminho que vem dos seres humanos, mas sim uma transformação que vem de Deus.

Na Primeira Carta de João 5,6-8, a Bíblia diz, **“Ele é o que vem pela água e pelo sangue: Jesus Cristo e não só pela água, mas pela água e o sangue; e o Espírito também dá testemunho dele, o Espírito que é a verdade.”**

T

## CAPTULO II – O CORDEIRO DE DEUS

**“Quando João Me apresentou não o fez como seu parente, mas disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’ (Jo 1,29). Nesse instante João, iluminado pelo Espírito Santo, lembrou-se da citação de Abraão a Isaac quando este ia ser imolado pelo seu pai: ‘Deus proverá um cordeiro para o holocausto’ (Gen 22,8). Era uma figura do verdadeiro Cordeiro de Deus: Eu mesmo, que seria imolado para salvar o homem.**

**Todo o cerimonial dos judeus era centrado na figura do cordeiro e do seu sangue. João, como filho de um sacerdote, conhecia o ritual que diariamente, pela manhã e pela tarde, era levado a cabo no Templo: a oferta de um cordeiro como sacrifício para pedir perdão pelos pecados...**

**Quando os Israelitas esperavam para serem libertados do jugo do Faraó, foi-lhes ordenado que imolassem um cordeiro por cada casa, para marcar a viga e as colunas da sua porta com o sangue desse cordeiro, naquela terrível noite em que Deus atravessou o Egito para ferir de morte todos os primogênitos.**

**Ao contrário dos lares Israelitas, em todas as casas dos egípcios havia um morto. Deus tinha dito: ‘Quando Eu vir o sangue passarei ao lado daquela porta e não permitirei ao executor que entre em vossas casas para ferir.’ (Ex 12,13). Aqueles que se protegeram com o sangue do cordeiro foram salvos, a palavra de Deus garantia-lhes que ali o destruidor não entraria.”**

Eles estavam no interior da casa a realizar os símbolos tradicionais e característicos da comunhão; mas era o sangue do cordeiro que os salvaria da morte para os introduzir numa fase de liberdade, de vida, de luz e de paz. Esse sangue era a ponte entre Deus e o Seu povo resgatado.

Quando os Israelitas receberam os dez mandamentos através de Moisés, ofereciam os seus sacrifícios no átrio do tabernáculo, uma vez por ano, “no dia da Expição”, que hoje seria como a Sexta-feira Santa.

Jesus voltou à Sua catequese: “Na Bíblia podeis encontrar muitíssimas alusões ao cordeiro, ao cordeiro imolado, que era a porta para entrar ante a Presença de Deus para o adorar.

O Israelita não tinha nada que acrescentar ao sangue no propiciatório. O ‘pão sem levedura’ e as ‘ervas amargas’ eram necessários; mas não eram em si o fundamento da paz.

O cordeiro, para lá de ser útil pela sua carne e pela sua lã, representava a mansidão, a inocência, a bondade, a pureza...

Na maior festa que faziam, durante a Páscoa, todo o povo se congregava e executavam dois sacrifícios que se juntavam num, pedido perdão pelos seus pecados:

Escolhiam um cordeiro macho que matavam, cozinhavam e comiam, em memória da saída da escravidão no Egito. O sangue era espalhado sobre o propiciatório, uma espécie de canal que cobria a Arca da Aliança.

Todos os Israelitas comiam do cordeiro pascal numa santa comunhão. Os resgatados comiam em comunhão com Deus, e em comunhão com os outros resgatados.

Hoje Eu reúno-vos à minha volta e alimento-vos com o Meu Corpo e o Meu sangue numa Santa comunhão; a Santa Missa é hoje a expressão visível dessa comunhão Comigo.

O outro cordeiro sacrificado devia ser um cordeiro absolutamente branco, sem nenhuma mancha na lã. Os Israelitas aproximavam-se e tocavam por segundos no cordeirinho, pondo assim ‘as suas mãos manchadas’, como um sinal de que deixavam os seus pecados sobre o pequeno animal.

Recitavam umas orações e depois levavam-no até um precipício para onde o atiravam, para que levasse com ele os pecados de todos.

Como a ofensa a Deus crescia descontroladamente, e os sacrifícios do Antigo Testamento não tinham o valor e a dignidade necessária para limpar a ofensa a Deus, a Minha Divindade acrescentaria uma inigualável dignidade à Minha natureza humana, completa e perfeita, e por isso mesmo, o Meu Sacrifício teria méritos infinitos e inesgotáveis...”

Ω

Quantas coisa preciosas o Senhor nos vai ensinando e que horizontes alcançamos, apenas vislumbrando-os, quando adentramos na Palavra de Deus! Hoje compreendo que dizer “Cordeiro de Deus”, é dizer Plano de Deus, Salvação e Vida Eterna... Dizer Cordeiro de Deus, quer dizer Libertação, e Perdão Divino.

O Cordeiro de Deus é a Segunda Pessoa do Deus Uno e Trino, que assumiu um Corpo para morrer pela humanidade tendo, assim, a justificação e perdão dos seus pecados. Se

Jesus não tivesse morrido, se Ele continuasse até agora a percorrer os caminhos, fazendo o bem, curando e ressuscitando, o véu do templo não se teria rasgado, abrindo ao homem arrependido o caminho de livre acesso a Deus.

Jesus, como Cordeiro pascal, teve a missão não só de “carregar o pecado do mundo”, de fazer-se Ele mesmo pecado, revestido das nossas culpas, mas também de o levar.

Jesus foi condenado à morte ao meio-dia da vigília pascal, isto é, à mesma hora em que habitualmente os sacerdotes degolavam os cordeiros pascais.

Jesus foi crucificado ao lado de um precipício, da mesma maneira que o cordeiro sem mancha era atirado vivo a um precipício para “levar os pecados” dos israelitas.

Quando Jesus morreu, rasgou-se ao meio o véu do Templo, que separava dos homens o lugar sagrado onde se localizava a Arca da Aliança. Só lá podia entrar o Sumo-sacerdote, no dia da Expição, para espargir o propiciatório com o sangue do cordeiro...

Com a Sua morte, Jesus rasgou esse véu de separação, abrindo as portas do Céu à humanidade, para abrir caminho aos que quisessem salvar-se, porque a Sua missão não era – como no caso do cordeiro – limpar os pecados individuais do Seu povo, mas acabar definitivamente com o próprio poder do pecado.

Até à vinda de Jesus, os Israelitas lembrar-se-iam sempre de que a sua redenção, o perdão dos seus pecados, só era possível pelo sacrifício diário e pelo sangue do cordeiro aspergido no propiciatório...

Hoje Jesus é a perfeita e absoluta propiciação, porque Ele é o mediador entre o Pai e os homens. Descobrimos que não é só a vida de obediência de Cristo que nos ganha o perdão dos nossos pecados, mas que a Sua morte na Cruz – que também se revive diariamente na Sagrada Eucaristia – nos abre um maravilhoso caminho de liberdade até ao amor de Deus.

Devemos lembrar-nos com gratidão de que, pelo sangue derramado pelo nosso Salvador, o pecador arrependido apenas necessita fixar os seus olhos no Cordeiro de Deus para ser transformado, de maneira que toda a dúvida e temor, todo o pecado e escuridão, fiquem convertidos em esperança, em virtude, em luz, e em confiança absoluta.

Não há outro caminho, para os que cremos, só Jesus é o único resgate válido, já pago, o maior sacrifício de reconciliação com Deus, e é a nossa fé que nos coloca na posse de uma paz que ninguém nem nada no mundo nos pode dar ou tirar.

Jesus continua a agir e a fazer milagres. E hoje como ontem esta linguagem não é compreendida pelo espírito soberbo ou ateu, mas percebe-a todo aquele que, sabendo que nada é impossível para Deus, se abre às solicitações da fé e do Amor. Os frutos que em seguida se verão, indicarão que Deus deixou aí a Sua assinatura.

Se levarmos em conta São Paulo quando diz a Timóteo: **“Eu sei em quem acreditei”**, notaremos que ele não se baseava apenas no que os outros diziam do Senhor, mas que ele mesmo acreditava em Jesus, porque o tinha visto...

Essa é a opção que muitos cristãos ainda não fizeram, abrir-nos ao Senhor, abrir o nosso coração para que a Sua Graça nos encha e possamos ter um verdadeiro primeiro ou segundo encontro com Jesus.

É Jesus que, por todos os lados, se aproxima e nos abraça, e nos fortalece quando nos sentimos esgotados e cansados. Quando confiamos Nele, trocamos a nossa debilidade pela Sua força. Deus age e Jesus continua a manifestar-se na Igreja de hoje, tal como na Igreja nascente.

Para Jesus não importa o teu exterior. Ele jamais se fixará em teres ou não teres um título, se possuis bens materiais ou careces deles, se és aplaudido pelos homens ou se te repudiam...

Deus não usa vasos bonitos, perfeitos e finos para guardar a Sua fragrância, mas escolheu usar vasilhas de barro defeituosas, rachadas e frágeis, para as encher com a Sua Glória. Meditar no valor do sacrifício de Jesus Cristo deve levar-nos a essa maravilhosa conclusão.

O Cordeiro de Deus que foi imolado, conquistou para o homem a possibilidade de alcançar a Glória Celestial... O mérito do Seu suplício colocou-o junto do trono do Pai e desse Trono de Amor jorra o manancial da Graça que dá vida a todos os que dele bebem.

É por isso que de cada vez que estendemos a mão amorosa a nossos irmãos, cada vez que procuramos saciar nos outros a sede de Deus, bebemos um pouco desse manancial.

Nós não dependemos do que somos, mas unicamente do que Jesus Cristo é. Por isso quem se aproxima de Deus, por meio de Jesus, é identificado com Ele e aceite no Seu Santo Nome, visto que o Pai não rejeita o Filho, assim como não rejeita aqueles que se aproximam com o Seu Filho.

Jesus disse que é aqui que se reproduz a união hipostática da natureza humana com a Divina: O homem que se converte é visto em Cristo, aceite Nele e com Ele, e associado a Ele na sua vida, visto que a sua confiança já não está na posse dos seus bens, nem sequer em si mesmo, mas Naquele que tudo pode.

O Santo Padre João Paulo II, disse, durante uma Missa em Cuba, que o Espírito Santo sopra onde quer, e que nos está a convidar a tomar consciência de que neste momento histórico a Igreja está a receber um novo sopro vital, e que essa primavera não vem dela mesma, nem é para ela: Vem do Espírito do Senhor e é para servir o povo.

Disse que “A Igreja não pode ensimesmar-se no seu próprio crescimento enquanto a comunidade humana de que faz parte necessita do seu alento, da sua palavra, das suas obras, da Verdade e da Justiça que vive e anuncia.

***“A Igreja ao levar a cabo a sua missão, propõe ao mundo uma nova justiça, a justiça do Reino de Deus (Mt. 6,33). Em diversas ocasiões me referi aos temas sociais. É preciso continuar a falar disso enquanto no mundo houver uma injustiça, por***

*pequena que seja, pois de contrário a Igreja não se seria fiel à missão confiada por Jesus Cristo.*

*Está em jogo o homem, a pessoa concreta. Ainda que os tempos e as circunstâncias mudem, sempre há quem necessite da voz da Igreja para que sejam reconhecidas as suas angústias, as suas dores e misérias.*

*Os que se encontram nestas circunstâncias podem estar seguros de que não ficarão defraudados, pois a Igreja está com eles e o Papa abraça com o coração e com a sua palavra de alento, todo aquele que sofre a injustiça.” (Cuba, Hom. Nº 5).*

Ω

### CAPTULO III – OS OLHOS DA ALMA

Um dia durante a oração Jesus pediu-me que olhasse para ele com os olhos da alma. Disse Ele: **“Os olhos do corpo limitam-se a ver, só os olhos da alma são capazes de contemplar.**

**Por Meu Infinito Amor, ofereci-me como Sacrifício perfeito para vos purificar a todos do pecado.**

**Há muitos homens e mulheres que são como Pilatos: tendo a Verdade na sua frente, apenas lhes ocorre dizer: ‘e que é a verdade?’ da mesma maneira que ele, negam-se a vê-la, porque têm medo, porque a verdade exige, porque a verdade obriga, porque a verdade compromete...**

**Quero permanecer em vós, dar-vos esse amor que como ondas vai banhando o vosso coração para que, por amor a Mim, ameis os vossos irmãos; esse amor que vos leva a viver um sentimento recíproco com os outros e que, por ser uma expressão visível e concreta do vosso testemunho evangelizador, dá validade às palavras que mais tarde oferecereis para levar a Boa Nova a todos os homens.”**

Hoje meditei nesta mensagem e reflectindo vejo quão fácil é, para muitos cristãos, dizer: “Eu creio” e contudo acrescentam “mas não quero fanatizar-me”. Claro... Também os demónios crêem e por isso fogem...! Qual é a diferença entre estes dois grupos? Nenhuma!... É mentira, não crêem, porque a Verdade compromete, quem crê não pode ficar estático na sua vida ordinária de sempre, rodeado de coisas ordinárias, deixando uma esmola para lavar a sua consciência e confessando a sua comodidade de vez em quando.

Crer é ter a certeza de que o teu pecado ofende a Deus, é acreditar em cada uma das Suas Palavras. Crer é humilhar-se perante a Sua Divina Majestade, com o coração limpo por meio do Sacramento da Reconciliação, o acto de Misericórdia inconcebível para o mundo ordinário, por meio do qual Jesus quer devolver-te a dignidade de que te sintas novamente amigo, irmão, Seu filho e herdeiro.

Crer é ansiar pelo momento de te unires ao amoroso Coração de Jesus quando recebes o Seu Corpo e o Seu Sangue, quando alimentas a tua alma com o Cordeiro de Deus, e ter o desejo de ser melhor de cada vez que se dá esta feliz união.

Crer é esforçares-te por caminhar, aos tropeções, de joelhos ou arrastando-te pelo difícil e estreito caminho da santidade, e quando resvalas e saís do trilho, voltar a humilhar-te diante Dele e pedir a Sua ajuda e a Sua Graça para corrigir o caminho.

Amar é acender uma fogueira no coração, mas que permaneça acesa ainda que se tenha de queimar muitas coisas para o conseguir e, em primeiro lugar, o nosso egoísmo. Não pode dizer que ama a Deus quem não está completamente disposto a fazer a Sua Vontade, com tudo o que isso lhe custe.

Como podemos dizer que somos cristãos se ainda continuamos a pelejar com o nosso irmão, dividindo-nos, rivalizando entre diferentes grupos ou apostolados, ou os laicos com os consagrados, ou ainda entre os próprios consagrados...?

Assim agimos como se não fossemos uma só Igreja e como se não tivéssemos todos sido redimidos com o Sangue de um só Coração...

Não se trata de cinco “Jesuses” que derramaram o Seu Sangue. É o mesmo Jesus e o mesmo Sangue: cada gota igual à outra, gotas que foram derramadas para nos salvar, e no entanto estamos a morder-nos dentro da Igreja. Porquê? Porque não encontramos esse Jesus, não tivemos esse verdadeiro “encontro” com Ele.



## CAPTULO IV – A HORA DA VERDADE

**“Fiz-me presente no Templo para dar cumprimento à Escritura...**

**Eu falava com a autoridade que Me dava a certeza de que a Minha presença dava cumprimento à Lei e ao que os Profetas tinham dito séculos antes. Eu era o Filho ao qual o Pai tinha entregado todas as coisas, e as pessoas percebiam a diferença de quem falava. Eu não interpretava a doutrina dos Profetas, mas estava antes a apresentar-me como um homem completamente investido do poder que só pode vir de Deus.**

**Quando ao pregar no monte disse ‘Vós ouvistes que se disse: ‘Amarás o teu próximo e não farás amizade com o teu inimigo...’. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos e rezai pelos vossos perseguidores, para assim serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus. Porque Ele faz brilhar o seu sol sobre maus e bons e envia a chuva sobre justos e pecadores...’ (Mt 5, 43-45). Livrai-vos das vossas acções feitas à vista de todos, a fim de que todos as apreciem. Pois nesse caso, não teríeis prémio algum que esperar de vosso Pai’ (mt 6, 1-2), Os dirigentes religiosos ficaram muito magoados.**

**Eu nunca usei o termo ‘Messias’ que foi anunciado pelos Profetas, mas aquela passagem de Daniel que falava de Mim como ‘o Filho do Homem’, para que não alimentassem a sua falsa crença de que chegaria um líder político para os libertar**

do jugo romano. Não tinha nascido numa grande cidade mas num pobre estábulo, não vinha tomar posse de um reino na terra com soldados e guardas. O Meu anúncio era um anúncio que transportava consigo a sua própria força, clara e transparente. Eu era um simples carpinteiro, que vinha para pregar a bondade, o perdão, a justiça e o amor. O Meu anúncio era o anúncio que põe qualquer um em frente das suas contradições, com a evidência que penetra e muitas vezes desconcerta.

Devia anunciar o Reino de Meu Pai, foi para isso que Eu vim: para vos ensinar que todos tinham um Pai bom, amoroso, capaz de amar até ao ponto de entregar o mais precioso para ganhar a salvação da sua criatura; mas ao mesmo tempo devia também realizar obras de libertação nos homens, ensinar-lhes a necessidade de lutar em nome do Evangelho contra tudo o que oprime e possui a criatura. Não só devia anunciar a Boa Nova de Deus, mas demonstrar que Eu Sou a Boa Nova e que opero em consequência.

O Meu dever era ensinar que tinha vindo para destruir toda a soberania, autoridade ou poder que fizesse mal aos homens: as possessões, as enfermidades físicas, psíquicas, espirituais. Mais ainda, o Meu ensinamento foi e é categórico, porque não é só palavra, mas gesto. As Minhas Palavras têm o poder de libertar e de curar.

Fique para vós o ensinamento de que só deveriam pronunciar o Meu Nome aqueles que reconhecem a Minha autoridade, a confessam e dão testemunho de fé.

Um apóstolo da nova evangelização, não pode conformar-se com o simples anúncio do Evangelho, mas deve ser tão forte o seu carisma e a certeza da sua fé, que o seu testemunho de vida e o seu anúncio, levem a libertar o homem de todo o pecado e de todo o mal que o oprime.

Deveis testemunhar a Minha benignidade, conseguir que as vossas palavras se imponham por si mesmas, com a força do Espírito Santo. Que as vossas palavras e as vossas acções falem ao coração do homem de maneira que a vossa verdade resplandeça.

Deveis saber que toda a atitude deverá mostrar que vós ides para o alto, para o crescimento e a livre plenitude do homem, e não dar a impressão de que as vossas acções são só para ganhar um nome, dominando e subjugando os outros.

Os Meus devem ser reconhecidos como aqueles que não fazem propaganda procurando qualquer compensação.

Muitas vezes o sofrimento será o seu prémio, mas isso não vos deve amedrontar.

Não se ficarão nem vacilarão. Sempre confiante, o Meu servo, transmitirá as Minhas Palavras e os seus sentimentos inclusive àqueles que estão a ponto de se extinguirem. A sua postura é firme e inquebrável no cumprimento dos seus deveres”.

Nesse momento, Jesus instruiu-me dando-me a Graça de me mostrar passagens da Sua Vida e foi contemplando muitas cenas que perante mim passavam. Por exemplo, vi como nessa época existiam as sinagogas ou casas de oração em todos as povoações e mesmo nas pequenas aldeias, onde iam os judeus para fazerem as suas orações e a leitura e aprendizagem das Sagradas Escrituras. Eu pensava que só havia essas nas grandes cidades. Agora revelava-se-me um mundo completamente desconhecido, uma época ignorada.

Nessas reuniões, aquele que presidia à oração ou à reflexão, convidava uma pessoa qualquer para se dirigir aos outros. Os escribas interpretavam e expunham ao povo as passagens das Sagradas Escrituras, mas não davam uma opinião pessoal, mas em vez disso citavam as opiniões dos Profetas, anciãos ou mestres sábios.

Pude ver Jesus que ia proclamando nas sinagogas, partindo da Galileia até Nazaré, a povoação onde se tinha criado.

Numa dessas sinagogas, sucedeu que o convidaram a ler as Escrituras. Todos estavam sentados no chão, Ele dirigiu-se ao lugar onde se posicionava aquele que lia e explicava as Escrituras. A sua figura ali de pé, imponente e serena, era diferente das dos outros homens, embora estivesse vestido como todos eles. Via-se que a Sua Presença possuía uma autoridade que nascia de dentro, como se uma luz própria o iluminasse...

Todos puseram a sua atenção nesse Homem que impunha respeito. O seu claro olhar passou por um momento por toda a assembleia, um instante apenas e muito dentro Dele a oração contínua com o Pai.

Ouviu-se a Sua voz, cheia de nuances, ao ler o rolo que continha a profecia de Isaías: ***“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres, enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos, para dar a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor” (Is 61, 1-2) (Lc 4, 18-19).***

Depois de enrolar a Escritura e de a entregar ao Ministro, olhou novamente para toda a assembleia, elevou um pouco o rosto e com autoridade disse: ***“Cumpriu-se hoje, esta escritura que acabais de ouvir”***. Vi claramente toda a assembleia em absoluto silêncio, não sei se confusos mas sim maravilhados pela personalidade tão segura do Senhor.

Os homens Nazarenos, tal como todos os Israelitas, tinham estado à espera do Messias, mas feito à sua medida. Nunca perceberam que aquele que esperavam tinha vindo a partilhar com eles vários anos da Sua Vida, como um carpinteiro, até esse sábado.

Ele sabia que, ali precisamente, não seria bem recebido, porque nenhum profeta foi jamais bem recebido na sua própria povoação, entre os seus. Foi assim que, quando Ele começou o Seu anúncio e citou o Profeta Elias e depois o Profeta Eliseu, se encolerizaram, porque consideraram um atrevimento, da Sua parte, comparar-se com eles.

Não quiseram abrir o seu coração, puseram-se de pé, sem o menor respeito pelo Templo, e começaram a levantar os punhos e a ameaçar Jesus que olhava para eles imperturbável, mas sim com compaixão. Esta atitude do Senhor punha-os ainda mais

furiosos, de maneira que quando Ele foi passando por entre eles para sair, o empurraram para fora e depois perseguiram-no, proferindo insultos, e acusando-o ameaçavam matá-lo.

Jesus passou diante deles, e sem responder aos seus insultos e ameaças foi-se embora com o espírito entristecido, porque não tinham compreendido as Escrituras e porque não se deixavam libertar das suas misérias. Foi-se embora sereno e majestoso; de tal forma que, no final, não se atreveram a tocar Nele.



Dou-me conta de que hoje, tal como ontem, o íntimo do coração humano guarda sempre a esperança de uma Boa Notícia. Através dos séculos, os homens foram “materializando” esta espera, e assim se foram entregando à busca desenfreada de um “paraíso terrestre”.

O homem ainda sonha com promissoras novidades, como a próxima era das “viagens espaciais”... todos esperam sempre um futuro melhor.

Uma grande parte da humanidade, ainda prostrada nas trevas, necessita de uma intensa luz, que unicamente encontra quem abre a sua vida a Jesus, o aceita e vive com Ele. Só esse homem ou mulher pode dizer que é um ser liberto, logicamente apesar das suas limitações e misérias pessoais.

Assim como o Antigo Testamento foi guia para o povo de Deus, as Sagradas Escrituras devem hoje iluminar-nos, libertar-nos e guiar a nossa existência. Jesus não só disse um montão de palavras, Ele é a própria Palavra de Deus. A Sua missão consistia em anunciar e começar a realizar o Reino: um mundo novo para os homens, uma nova maneira de viver.

Jesus é a Palavra que hoje nos convida a reunir-nos e a incorporar a Sua Igreja. Jesus é a Palavra que nos julga e assim nos liberta das trevas, dos momentos de incerteza e desorientação. Jesus é a Palavra que nos exige uma contínua conversão. Jesus é a Palavra que preenche de sentido a nossa vida e abre os corações dos homens à esperança.

Jesus não quis deslumbrar o Seu povo com o brilho dos Seus milagres: não realizou diante deles a multiplicação dos pães e dos peixes, nem converteu a água em vinho simplesmente para avalizar a Sua missão. Antes se baseava na Sua ação diária, quando evangelizava os pobres, anunciando o perdão e devolvendo “a vista aos cegos”, a liberdade aos prisioneiros do pecado, e apregoando “um Ano da Graça do Senhor.”

É o Espírito que o move, e é unicamente no Espírito Santo que vai poder levar a cabo a Sua missão até ao fim, porque perante a força do Espírito Santo, tudo o que vem do homem perde a sua consistência e fracassa. As palavras proclamam as obras e vêm-nos explicar o seu mistério. Daí para a frente, ao cumprir a Sua missão Salvífica, confirmar-nos-á o Reino de Deus que anunciava ao dizer: **“Acaba de se cumprir esta escritura que ouviram hoje.”**

O mesmo podemos dizer nós, os seguidores de Jesus, de cada vez que algum pobre recebe a nossa atenção, ou um pecador o perdão, ou um doente a cura ou a digna assistência: **“Está a cumprir-se a Escritura!”**.

De cada vez que um homem trabalha para que os outros homens conheçam o Evangelho, para que saibam que são filhos de um Deus bom que os ama e que são irmãos dos outros **“Está a cumprir-se a Escritura!”**.

Sempre que homens e mulheres se aproximam de Jesus e acolhem a Sua Palavra com fé **“Está a cumprir-se a Escritura!”**.

Sempre que um homem repete que quer viver num mundo de amor e não de guerra, de cada vez que um homem proclama que é preciso dar-se as mãos verdadeiramente, esquecer ressentimentos, rancores e atitudes irreconciliáveis **“Está a cumprir-se a Escritura!”**.

Então Jesus disse-me: **“Vim libertar o homem para que se sentisse ‘precisamente homem’, capaz de utilizar, com rectidão, a sua inteligência e a sua vontade.**

**Quis que o homem fosse capaz de se levantar contra si mesmo, penetrando no mais profundo do seu ser para acabar de derrubar o que de velho e feio tem dentro de si, para que aflore o que possui de esplêndido e admirável, atirando para longe de si as correntes do seu egoísmo, de tudo aquilo que o faz sentir o centro do universo, desconsiderando todos os outros seres que o integram.**

**Quis que fosse capaz de se sentir, com todas as suas consequências, filho e herdeiro de Deus e irmão dos homens.**

**Vim para libertar o homem do pecado que em si encerra a inversão da escala de valores, que faz que, em vez de o ser humano procurar o Reino de Deus e a sua justiça, procure, acima de tudo, a sua própria e directa satisfação.**

**Vim libertar o homem, para que desapareça da terra o ódio, a guerra, a violência, a prepotência, a dor desnecessária causada pelas suas próprias mãos: a injustiça, a miséria, a opressão, a intolerância.**

**Vim para construir o homem novo, capaz de colaborar na realização da nova terra e dos novos céus. Por isso pude dizer que se cumpria em Mim a Escritura que naquele momento acabava de ler e que falava da libertação do homem.”**

Jesus sabia que, além dos romanos, eram os escribas e os fariseus que diariamente oprimiam o povo, que tinha de suportar as estruturas opressoras da sua época. Por isso durante a sua proclamação falava tanto do “Reino dos Céus”...

De facto Jesus trazia o Reino de Deus em Si mesmo e queria mostrar-nos que o plano de Deus era muito diferente daquela realidade – como hoje o é da nossa – para nos dar a esperança e a força que nos permita trabalhar para mudar as coisas.

Por isso diria um dia aos Seus discípulos: ***“Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes! Porque vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram, e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram”*** (Lc 10, 23-24).

O Reino de Deus não era para Jesus uma visão longínqua. Ele mesmo estava no meio desse Reino, empenhado na luta contra outro reino: o reino das trevas. Como nós, por nós mesmos, não podemos lutar contra esse sombrio reino, Ele vem para que a força de Deus se implante na debilidade do homem.

Jesus não quer que, tal como Nicodemos, o vejamos apenas na escuridão, de noite, para não sermos criticados pela sociedade como “fanáticos” ou “demasiado piedosos”. **Bendita piedade se ela te for levar ao Céu! Bendito fanatismo se tiveres a coragem de fazer o que Jesus quer!** Devemos todos dar testemunho aberto da nossa Fé.

Como o Reino é o dom de Deus por excelência e o valor essencial que há que adquirir à custa de tudo o que se possui, devemos ter a certeza de que esse “conhecimento de Cristo” deve acompanhar uma decisão necessária: Há que converter-se, devemos procurar continuamente o rosto de Deus para poder abraçar as exigências desse Reino. Não será nunca algo que se possa considerar como um salário devido em justiça: Deus contrata livremente os homens para a Sua Vinha e dá a cada um dos Seus trabalhadores o que lhe parece bem. (Mt 20, 1-16).

Mas há que tomar em conta que embora tudo seja graça, devemos responder a essa graça, e para isso requer-se uma alma pobre, uma atitude de criança, uma busca activa do Reino e da Sua justiça, a perseverança no meio das perseguições, o sacrifício e doação de tudo o que se possui. Em síntese, uma justiça maior que a dos fariseus: O cumprimento da Vontade do Pai, especialmente no que diz respeito ao amor fraterno.

Tudo isto é um requisito para todo aquele que queira entrar, desde já, no Reino de Deus.

Ainda agora Jesus nos diz:

**“Exorto-vos a que trabalheis no vosso apostolado, não para serdes vistos pelos homens, mas para me agradardes e me ajudardes a salvar os homens, vossos irmãos. O vosso trabalho deve ser realizado todo e unicamente para Deus, que é quem abençoa as vossas obras e cuidados”.**

No entanto, em grande medida, estes sinais de autenticidade não se produzem se não existir fé. Quer dizer, a fé confirma-se pelos factos, mas os factos não acontecem sem a fé. Por isso, os que crêem vêem, mas os que não crêem não podem ver.

O Senhor oferece paz e sossego a todos os que se encontram oprimidos pelas angústias da vida. O coração compassivo de Jesus oferece-nos o descanso e o consolo para todas as nossas penas.

É por isso que os trabalhos e sofrimentos, aceites como permitidos pela mão de Deus e vistos com um critério sobrenatural, longe de serem uma carga são um benefício para todo o ser humano, posto que nos abrem as portas do Céu.

O Plano da salvação realiza-se através de obras e palavras intrinsecamente unidas. Assim vemos que no anúncio de Jesus, os factos acompanham as palavras. Ele anuncia uma palavra que se cumpre: os sinais acompanham o anúncio.

Ele quer guiar-nos explicando-nos os passos que devemos dar para construir, esse homem novo que fará parte de uma nova humanidade, em que possamos viver como verdadeiros irmãos.

Mas tomemos em conta, na hora de evangelizar, que a fé nasce da experiência que outra pessoa viveu e nos transmitiu.

Se esta experiência nos resultar convincente pelos efeitos que vimos nela, então a fé cresce em nós e aproximamo-nos para podermos receber a salvação.

Assim, a edificação da nossa vida, o testemunho de termos tido esse “grande encontro” com Jesus, deve servir para semear a semente de fé na qual Deus porá a Sua graça, para salvar outro irmão.

T

## **CAPTULO V – O REINO DE DEUS ESTÁ PRÓXIMO**

Numa tarde o Senhor presenteou-me com a seguinte visão que muitíssimo me impressionou e me serviu de maravilhoso ensinamento. Vi-O num lugar da Galileia, numa aldeia chamada Cafarnaum, e entrou numa dessas casas ou sinagogas onde se orava.

Eu via um homem desleixado, com a roupa muito suja, que rebolava e gritava, possuído de um espírito imundo, era a presença evidente do inimigo de Deus e destruidor do homem. Depois de a visão ter passado, tive a certeza absoluta de que assim é o homem que está em pecado, caído, submetido às forças do mal e incapaz de entrar em comunhão com Deus.

Enquanto olhava para aquilo tudo, Jesus ia-me falando, explicava-me que havia muitos exorcismos nessa época e que eram ritos longos, estranhos e complicados pela quantidade de fórmulas e de gestos, que deixavam transparecer a sua origem mágica.

Apesar de o possesso ter falado a Jesus de uma maneira ofensiva e trocista, pude aperceber-me de que o mau espírito estava temeroso, porque sabia que tinha chegado **Aquele** que ia destruí-lo.

Então Jesus explicou-me: **“Nesse tempo o povo e a religião acreditavam que se uma pessoa sabia o nome de outra, sem a conhecer, era porque havia alguma magia, e as pessoas assustavam-se perante tal reconhecimento. Por isso se assustaram as pessoas que ali estavam, quando aquele endemoninhado disse saber que Eu era: “O santo de Deus”.**

**Não neguei aquela afirmação, porque sabia quem verdadeiramente era aquele que falava através desse homem, mas com autoridade mandei calar e sair desse homem o espírito do mal sem admitir nenhuma influência.”**

Quando Jesus estava em frente desse possuído, não pronunciou palavras estranhas e incompreensíveis, nem celebrou nenhum rito misterioso. Simplesmente apontou-o com o dedo indicador e ordenou ao espírito mau que se calasse e se fosse embora: **“Cala-te e sai desse homem!”**, disse em voz alta, e o espírito viu-se obrigado a obedecer. Aquele pobre homem, livre do espírito malvado, recuperou o seu saudável juízo, olhando surpreendido e agradecido ao seu salvador.

E vemos aqui como é que o milagre não vai contra as forças da criação, mas faz brilhar de maneira maravilhosa o Senhorio de Deus sobre a natureza e a história, para nos conduzir à convicção de uma plenitude na união com Deus, daquela felicidade pela qual a criação inteira geme e sofre as dores do parto.

Penso em tantos homens e mulheres que querem ser curados, que querem ser libertos do seu mal, mas que não fazem nenhum esforço para tirar de si mesmos o que geralmente é a causa de todos os seus males: o pecado. O primeiro passo para se ser curado é reconhecer a nossa condição e incapacidade.

Lamentavelmente, quando as pessoas se sentem mal recorrem a “outro tipo de medicina”, que incluem desde adivinhos até charlatães, para superar aquele momento de crise, devido a um grande vazio que existe nas suas vidas.

Seria muito mais fácil e produtivo que recorressem à Fonte de todo o Bem, mas nenhuma pessoa pode desfrutar da protecção Divina se primeiro não recorrer a Jesus como seu Senhor.

Os milagres de Jesus fazem parte do seu anúncio. Os milagres foram o cumprimento da Sua Palavra... E pensar que há pessoas que ainda dizem que os milagres não existem...! Mas de facto onde o anúncio de Jesus e a Sua Pessoa, não são acolhidos com algum grau de fé, Jesus não faz milagres. Assim sucedeu perante um grupo de homens fechados de antemão, como os Seus conterrâneos de Nazaré, os fariseus e tantos outros, porque onde não há fé nunca será percebido o milagre.

O homem de hoje não se dá conta, ou dificilmente quer aceitar que a primeira condição que necessita para iniciar um processo de cura ou libertação de algum tipo de mal (moral, espiritual ou inclusive corporal) é abrir-se humildemente para receber a paz que Jesus quer levar à sua alma. Essa paz só se obtém quando alguém está consciente de que deve aceitar a Vontade de Deus, a Sua lei e os Seus mandamentos.

Jesus então disse-me: **“Prisioneiro não é apenas o homem que está na prisão, mas todos os homens e mulheres que estão cheios de egoísmo, de paixões desordenadas, que estão presos dos vícios...”**

**Prisioneiras são aquelas pessoas que estão presas das coisas que estão na moda, das propagandas alienantes, que as levam a querer possuir com uma ânsia exagerada aquele objecto ou situação que converteram no seu ideal.**

**De alguma maneira, todos os homens e mulheres são prisioneiros e é por isso que Eu vim, para os libertar e fazer que Me reconheçam. Mas, para Me encontrar, é preciso procurar-me e reconhecer-me...**

**Eu quero que sejais livres, mas só sereis livres quando souberdes acolher e valorizar as vozes proféticas que muitas vezes incomodam e que vos convidam a continuar a procurar o Reino de Deus, anunciando a Boa Nova.**

**Pretender não ver isso, talvez seja a causa de tanta acção ambígua na missão da Igreja e em cada um dos homens. A missão é só uma: seguir-me.”**

A libertação, a cura, vêm do reconhecimento de Jesus como Deus, é um reconhecimento que deve assimilar-se na mente e transmitir-se a partir do coração, com as acções e com a boca. Este reconhecimento conduz-nos ao arrependimento de todos os nossos pecados e ofensas ao Ser Supremo que nos deu a vida, que nos salvou e que vive entre nós.

Jesus disse que, com frequência, não sabemos o que fazemos, nós os que nos alimentamos com o corpo e sangue do Senhor, assim como não sabem o que perdem os que rejeitam esse alimento. Ele disse-o assim: **“Fui Deus na carne, não fui metade Deus e metade Homem. Nunca perdi a Minha Divindade, portanto fui plenamente Deus e continuei a existir como Deus ao encarnar. Deste modo, juntei a natureza de Homem à Minha Eterna natureza Divina, e era plenamente homem. Esta é a união Hipostática.**

**Vejamos agora o que sucede quando vós recebeis o Meu Corpo e Sangue como alimento. Quando a Minha Natureza Divina se une plenamente à natureza humana do homem, não figurativamente mas real e plenamente, o homem faz-se um com Deus através desse alimento Divino. Eu transformo-me em vós e vós alimentais-vos com o Corpo e Sangue que foi humano, mas também Divino e portanto passais a fazer parte dessa única união com a Trindade.”**

Quando Jesus falou do Reino de Deus e fez comparações com o tesouro escondido e com a pérola preciosa, expressou: **“Quando aquele homem Me perguntou se devia deixar a sua profissão, o seu trabalho e a sua posição social para conseguir o Reino de Deus, respondi-lhe que devia antes aprender a usá-los, porque aquele que se apega aos bens materiais que possui e está disposto a sacrificar tudo para os conservar, no fim descobrirá que tudo o que acumulou na terra, não tem nenhum valor no Reino dos Céus.”**

Sabemos que se o milagre é a Palavra cumprida, onde não há fé, não é percebido o sentido profundo do milagre. Por isso Jesus disse: **“Ditosos os que crêem sem terem visto” (Jo 20,29).**

Esses são, efectivamente, os que vivem o milagre. O Reino de Deus não se cobre com embrulhos aparatosos, nem com manifestações espectaculares, ou cheias de ciência. O Reino de Deus vem como Jesus, sob a figura do Servo, sem se deixar sentir, sem triunfalismos, sem aparências, mas é capaz de transmitir ao espírito bem-disposto a convicção de que vem de Deus. Por isso é que devemos estar atentos, visto que muitas vezes, através de uma circunstância, de uma pessoa, de uma leitura, de uma canção, etc., é o próprio Senhor que se manifesta.

Quantas pessoas há que falam de redenção... de libertação...! Que passam o tempo em discursos e discussões sobre determinada doutrina...! E isso é tudo...! Não conseguiram

curar os olhos cegos, nem libertar da escravidão os seus irmãos, que se sentem presos pelas trevas do pecado...

A humanidade está a viver num mundo que quer prescindir de Deus, um mundo torpe e hostil, indiferente, individualista e cruel, ao qual deveria voltar a fresca alegria de escutar a Palavra de Deus, como antídoto do veneno que deixam as múltiplas palavras que hoje, com a sua banalidade, vão afogando a liberdade do ser humano: revistas de mexericos, canções absurdas, conversas estéreis, etc.

O Senhor diz-nos: **“Eu falava abertamente aos Meus Discípulos, enquanto a outros falava com parábolas, porque eles Me seguiam, porque para eles Eu era tudo o que necessitavam e isto fazia que lhes entregasse a plenitude da Verdade e da Luz, da mesma forma que hoje faço àqueles que Me abrem o coração para me receberem em plenitude.”**

Se analisarmos unicamente as parábolas do Reino de Deus veremos que elas nos vêm ensinar que, o que verdadeiramente importa, não é o aspecto exterior que deslumbra os homens sem os nutrir espiritualmente, mas a Graça de Deus, que está oculta nas tarefas quotidianas, na vida ordinária dos seres humanos, mas condicionada a que nos aproximemos para procurar essa Graça, a que procuremos o Rosto de Deus nas Sagradas Escrituras.

Uma vez que decidimos chegar a Jesus, devemos acalmar a sede que o nosso espírito sente. Quer dizer que, quando o tivermos reconhecido, devemos ainda dar cada um dos passos que nos faltam.

Todo o nosso reconhecimento nos indica que sim, cremos em que Jesus é o Filho de Deus, sim estamos conscientes disso; mas sem a ajuda da Graça, sem o poder do Espírito Santo, não podemos verdadeiramente descobrir Quem é Jesus.

Quando sentimos que encontrámos essa “pérola preciosa”, devemos ajoelhar-nos perante Deus, como o centurião que disse perante a crucifixão: **“Este Homem era verdadeiramente o Filho de Deus” (Mc 15,39)**; como Tomás, Seu Apóstolo que ao ver Jesus Ressuscitado e olhar e tocar as Suas chagas, caiu de joelhos e disse: **“Meu Senhor e meu Deus”... (Jo, 20-28)**

Esse é o momento de dizermos a nós mesmos: “Este é o Senhor da minha vida, Jesus é meu Salvador, o Filho vivo de Deus vivo”, e pedir-lhe perdão por não o termos procurado no passado, ou por o termos tratado tibiamente... ou por tantas vezes lhe termos virado as costas, ainda que o tenhamos encontrado... E uma vez chegados ao arrependimento profundo, devemos abrir-nos a toda a chuva de Graças que anseiam por descer do Céu para nos cobrirem.

Deste modo veremos que o arrependimento abre a porta para um lugar novo onde nunca tínhamos estado: Um maravilhoso jardim, quente, cheio de aves, flores e fragrâncias desconhecidas. Nesse jardim espera-nos o Amor... É como uma antecipação do Céu que nos espera na eternidade, onde não existirão males nem maus.

Aí, nesse maravilhoso lugar, está Jesus para que te apoies Nele, para te conduzir pela mão a cada recanto e mostrar-te coisas que jamais pensaste que existiam.

Ali está Ele a contemplar-te, cheio de ternura, servindo-te comida se tiveres fome, oferecendo-te água fresca e fresca se tiveres sede. Fazendo pausas, convidando-te de vez em quando a descansar para que não te canses.

Ali está Ele, cobrindo-te com o Seu manto, para que o sol não te queime muito e a chuva não te molhe demasiado. Ali está Ele, dando-te as Suas mãos pelas quais passam duas auréolas de luz radiosa, para que te segues quando os teus pés resvalarem, e o Poder dessas chagas, que foram aceites por Amor a ti, faz que novamente te levantes confiante e com renovadas forças.

È então que descobres que o “Jugo” que Ele te pede que leves, não significa grande coisa, que é leve e suave, como Ele mesmo o promete.

È o momento de ler as Sagradas Escrituras, de ler o Evangelho em comunhão com os cristãos dos primeiros séculos, para os quais lê-lo não era um simples desejo de saber ou de cumprir, ou de passar o tempo... mas um verdadeiro contacto com Jesus.

E se somos capazes de ter esse encontro com Ele, não podemos deixar de O levar aos nossos irmãos, especialmente aos que mais Dele necessitam.

A justiça de que falam os profetas é uma justiça social. O Reino de Deus que Jesus anuncia é um Reino de santidade e amor, mas também um Reino de liberdade e de justiça. Por isso Jesus nos repete que veio para libertar o Homem de todas as suas prisões, de todas as suas opressões e aponta directamente ao coração do ser humano para o fazer compreender que é daí que saem as impurezas.

Se é bem certo que não é possível seguir pelo caminho de Deus, se não nos entregarmos nas Suas mãos e não recebermos o Seu sopro vivificante, devemos estar conscientes de que nunca poderemos libertar-nos e percorrer esse caminho sem oração e generosidade.

A respeito disso diz-nos: **“A vossa entrega aos outros, a vossa generosidade, abre as minhas mãos que providencialmente vos enchem com abundância, para que assim possam dar ainda mais, dar muitíssimo mais e voltar a receber, para sairdes sempre ao encontro das imensas necessidades dos vossos irmãos. Isso vos fará sentir livres, assim justificareis a vossa passagem pela terra.”**

Sentir-se livre quer dizer chegar a provar o sabor e o gosto profundo da verdadeira pureza de intenção. É verdade que para se sentir a libertação interior é necessária a justiça, mas o imprescindível é a graça, o amor e o perdão, que são as únicas coisas que acalmam o coração do homem... Mas não podemos ter tudo isto se não tivermos o verdadeiro “encontro com Jesus”.

Os primeiros cristãos sentiam-se verdadeiros escravos de Cristo e trabalhavam “para Ele” como nesse tempo faziam os escravos: estavam as 24 horas do dia ao Seu serviço porque Ele era o “seu Senhor”...

Hoje parece que o título de “Senhor” se converteu simplesmente num título de honra, parece que se diluiu o sentido de respeito e de obrigação que gerava o facto de O reconhecer como “o Senhor”...

Jesus disse uma vez que nem todo o que Lhe disser “Senhor, Senhor...”, entrará no reino de Seu Pai, mas sim o que fizer a Vontade de Pai.

Quando fazemos verdadeiramente a Vontade do Pai, independentemente de Lhe pedirmos muitas vezes “venha a nós o vosso Reino” e de Lhe dizermos “seja feita a Vossa Vontade”? Jamais pode tornar-se, em nós, realidade o Reino de Deus se não aprendermos a fazer a Sua Vontade.

Há pessoas que dizem: “eu tenho trinta fotos...”, ou “... cem estampas, com o rosto de Jesus” ou “encanta-me estar com Jesus, passar horas diante de Jesus”, ou “mandei imprimir cem orações com a cara de Jesus”...

Tudo aquilo não nos serve de nada se não cumprirmos os Seus mandamentos, se não fizermos o que Ele nos manda. Se não amarmos o nosso próximo como a nós mesmos, como Ele nos ensinou.

Devemos aprender e treinar-nos praticando o mandamento talvez mais difícil de cumprir: amar o próximo com todas as suas consequências, perdendo-o, ajudando-o, incentivando-o, ensinando-o.

Quanto mais fácil é para nós, com frequência, seguir o exemplo daquele sacerdote e do levita – da parábola do Bom Samaritano – que deixaram o homem ferido à beira do caminho, e que passaram ao longe para não o ver, porque os estorvava...!

Quão difícil, pelo contrário, é reconhecer Deus no rosto do necessitado, na cara abatida daquele que reclama a nossa ajuda... naquele internado que está à espera da nossa visita numa penitenciária, que precisa de alguém que o escute, de alguém que Lhe leve um livro que Lhe fale de Deus”!

Quantos de nós, por comodidade, ou temor infundados dizemos: “Não, aí não, numa prisão não entro eu. Envio ajuda, mas eu não vou lá”. Pois aí está Deus à tua espera, à espera desse livro que pode ajudá-lo a salvar-se, à espera desse “Algo” que o ajude a manter ou aumentar a sua fé.

O mesmo acontece nos hospitais, nos asilos, nos orfanatos e mesmo na rua... Quanta gente necessitada de Deus está à nossa espera, enquanto talvez nem as vejamos!

Damo-nos conta de quantas pessoas perdem a sua alma pela nossa falta de compromisso, pela nossa comodidade, por não Lhe levarmos “o Senhor da nossa vida”...?

E é uma mentira afirmar que Jesus é nosso Senhor se, no melhor dos casos, nos conformamos com o envio de um envelope com dinheiro para que alimentem o faminto ou vistam o necessitado... Certamente isso é bom, mas é necessário também ver o Rosto do Senhor, as muitas máscaras atrás das quais Deus se esconde para nos chamar a uma autêntica conversão.

Tenho um retrato de Jesus que é precioso e que me encanta mostrar a toda a gente. Atrás dessa pintura há um verdadeiro milagre. Todos ficam encantados com esse rosto e dizem: “Que bonito!”.

É o momento em que eu penso e muito depressa digo: Que dirias se o visses detrás de um andrajoso sujo, ou de um velhinho com a cara desfigurada? Que dirias se o visses naquele irmão que está na prisão, censurado pela sociedade, acusado de homicida, de ladrão, de vigarista...? E Ele está lá, detrás de todos esses rostos.

Ou somos como os fariseus, que diziam a Jesus: “mestre” porque consideravam que Jesus era um mestre e nada mais...? Ou como Judas, que durante a última ceia chama “mestre” a Jesus, desafiando-o e entristecendo-o ao perguntar cinicamente se seria ele quem o trairia, para mais tarde voltar a chamá-lo “mestre” no momento de O entregar aos soldados romanos, no Horto do Getsemani, com um beijo na cara?

Não seria melhor dizer, como Pedro quando tentou caminhar na direcção de Jesus sobre as águas e viu que não podia chegar até Ele: **“salva-me, Senhor, que me afundo”**...? Para os Apóstolos Jesus era o seu Senhor, porque acreditavam nele e faziam o que Ele lhes dizia.

Jesus disse: **“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”**, não disse: “os caminhos, as verdades...” Para Jesus existe uma só via, um só Caminho e é Ele mesmo.

Jesus descreve o maior dom que Ele mesmo nos quer conceder, desta maneira: **“Quero estar sempre presente no meio de vós e esta é a plenitude da vossa existência, a abundância com que vos quero cumular. Por isso como uma antecipação desse momento, meço a dimensão da vossa espiritualidade. Aqueles que vivem a união, aqueles que praticam o amor recíproco, receberão a Minha Presença no meio deles.”**

## Ω

Jesus anunciava “os novos tempos”, isto é, um presente distinto de todos os que haviam precedido. Veio dizer-nos que o homem é livre, mas para poder libertar os outros, deve antes libertar-se interiormente; deve estar plenamente consciente de que os ídolos, seja de que natureza forem, amarram, acorrentam e destroem.

Veio curar-nos de todas essas idolatrias, para que uma vez limpos e purificados, Ele possa conviver connosco como centro da nossa vida, como a Personagem mais importante na nossa família, como parte imprescindível da nossa intimidade e dos nossos sentimentos.

Muitas vezes confundimos os termos, ou há demasiadas máscaras numa palavra, num rótulo que pomos às pessoas... e naturalmente, há também mil interpretações. Na minha opinião pessoal, temos uma ideia distorcida do que é um homem convertido e o que é um homem ateu.

Eu creio que não crente ou ateu não é só aquele que põe esse rótulo a si mesmo, para impressionar o seu ambiente, mas também aquele que nunca leva uma “Boa Notícia” aos pobres, o que não faz nem o mínimo esforço para contribuir para que o homem se liberte das redes subtis em que se encontra preso; o que prefere não pensar nos sofrimentos dos doentes; quem não faz nem o mais pequeno esforço por romper o véu de cegueira que cobre os olhos do seu irmão; ou não sente vontade de abraçar um ancião solitário, uma criança desamparada...

Jesus veio salvar-nos, abençoar-nos, mas há que ter em conta que Deus não pode abençoar enquanto o pecado existir diante dos Seus olhos.

Jesus, pela Sua morte, abriu um caminho para que no futuro o homem possa gozar das promessas descritas nas Sagradas Escrituras, mas Deus não pode empenhar a Sua Palavra com a pessoa que não faz o possível por cumprir os Seus preceitos...

**Graças te sejam dadas a Ti, Jesus,  
Príncipe da Paz,**

9 de Janeiro de 2005  
Dia do Batismo do Senhor

**Um especial reconhecimento a:**

Meu esposo Hugo,  
Meus filhos, Tatiana e Francisco,  
Minha nora Cecy,  
Meus netos: Eddy, Gustavo, Isabela Fernanda,  
Camila, Michelle e Laurita,  
David e Marta Lago,  
Meus irmãos Eduardo e Anita

**E a todos vós irmãos: conselheiros, coordenadores,  
Responsáveis, assessores, membros e simpatizantes do  
Apostolado da Nova Evangelização,  
Com respeito, amor, gratidão e esperança:**

*Catalina*